



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1200

CULTURA HÍBRIDA E ENSINO: UM ESTUDO NOS MEANDROS DE UMA COMUNIDADE/ESCOLA DE DESCENDENTES DE UCRANIANOS EM PRUDENTÓPOLIS-PR

Adriane Martinhuk Kutzmy¹
(UNICENTRO)

Sergio Luiz Kutzmy²
(UNICENTRO)

Resumo. A presente pesquisa é resultante do estudo em uma comunidade de descendentes de eslavos predominantemente ucranianos na zona rural do município de Prudentópolis, Paraná. O contato com a cultura e o domínio da língua/dialeto falado, por sermos descendentes de ucranianos, resultam em inquietações com a forma com que a cultura e o dialeto estão se apagando, suscitando o interesse pela pesquisa. Diante das aparentes condições de hibridização das línguas em contato, português/ucraniano, nas mais distintas variações faladas na comunidade cristalizaram a problemática da pesquisa. Assim sendo, buscou-se identificar a hibridização cultural que ocorre no contato de ambas e o papel da educação local à conservação da cultura e do dialeto ucraniano orolocal na perspectiva da língua culta nas modalidades oral e escrita e analisar como advêm às hibridizações culturais nas escolas do interior do município, do ponto de vista dos entrevistados que são professores e alunos. Buscamos nos fundamentar nos estudos de Canclini (1997) e outros, de modo particular no que se faz referência ao conceito de hibridização cultural, identidade e de cultura de forma mais ampla. Em decorrência ao estudo, ratificou-se o anseio de grande parte dos docentes e discentes, de adquirirem a língua e a cultura ucraniana mais preservada e exercitada nos meandros da escola na comunidade analisada.

Palavras-chave: Cultura híbrida; Educação; Identidade; Descendentes.

Introdução

Na presente pesquisa ponderamos como ocorrem as manifestações culturais, em uma comunidade rural de Prudentópolis - PR, procurando compreender a influência da educação escolar no que tange a cultura da comunidade escolar, especialmente a cultura e a identidade ucraniana e

¹Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Mestranda do programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICENTRO, Campus CEDETEG, Guarapuava-PR. E-mail: adrianemartinhuk@yahoo.com.br.

²Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste-(UNICENTRO). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNICENTRO. E-mail: slkeam@hotmail.com.

compreender o hibridismo cultural existente. A cultura a um dos assuntos frequentes em todos os meios, muitas vezes é vista de forma fragmentada e até mesmo equivocada, para não cairmos nessa roda de equívocos nos utilizamos de análises de estudiosos que tratam sobre o tema. Por meio dessas leituras notamos que a cultura nunca é um processo definido, mas está em constante movimento e transformação, que muitas vezes são resultantes de “conflitos e atritos” (sejam esses linguísticos ou culturais) para que em um processo posterior esses sejam aceitos ou não, de modo a gerar uma certa acomodação das mesmas.

Esses movimentos e “conflitos” comportamentais são assim definidas por Canclini (1997), como “choques culturais”. Esse fenômeno é também chamado por alguns estudiosos de multiculturalismo ou ainda hibridismo cultural, o qual é identificado e observado na comunidade analisada, no município de Prudentópolis-PR. que a presença da cultura ucraniana e da língua/dialeto é constante nas expressões e nos falares esse movimento é notado quase que diariamente.

Diante do exposto, perguntou-se: até onde essa cultura que vivenciamos no contexto da pesquisa, realmente é influenciada pela educação via escola? O hibridismo das línguas, dos ritos religiosos, dos costumes, das danças e das festas tradicionais, ainda pode ser chamado de cultura ucraniana ou mesclas culturais?

Para buscar uma possível resposta às indagações alocadas inicialmente, recorreremos aos fundamentos teóricos de Canclini (1997), Stuart Hall (2003) e outros, realizando levantamento bibliográfico de estudos específicos em pesquisas recentes, acerca do objeto de estudo.

Procuramos ainda interpretar o fenômeno investigado por meio das respostas dos envolvidos na pesquisa, alunos e professores, os quais por meio de seus aportes promoveram importantes contribuições e reflexões para a elaboração do item analisado. Com o apoio nos materiais, buscamos lograr

características da cultura local e as possíveis influências do ensino escolar sobre a cultura orolocal e as manifestações culturais híbridas³.

Para o estudo ora descrito, procuramos um aporte no estudo qualitativo, devido a sua abrangência nas pesquisas educacionais, pois esta categoria compreende a interpretação de dados encontrados no estudo à luz do referencial teórico. Compreendemos ser essencial o uso da dialética da intensidade, pela complexidade de seus traços específicos e uma metodologia mais completa na descrição e análise dos questionários dos participantes do estudo, assim não deixando de fora a amplitude e emergência dos indicadores importantes para os desdobramentos, que muitas vezes assistidos de maneira simplista, não revelam a carga de significado que trazem estes sujeitos em suas falas.

Com a abordagem metodológica definida nos dirigimos para o estudo de campo. Partimos para as informações dos sujeitos da pesquisa, alunos e professoras. Iniciamos os estudos por meio da coleta de dados, o qual ocorreu no período de 04 a 29 de maio de 2015, este processo nos possibilitou a obtenção de algumas considerações importantes para o objeto de estudo. Foram realizados questionários com 12 sujeitos da comunidade escolar, sendo, 06 alunos e 06 professoras. Com a coleta dos dados realizada, nos debruçamos na seleção dos mais relevantes ao propósito da pesquisa atual.

A obtenção de algumas informações, somente foram possíveis devido ao contato dos pesquisadores com a comunidade escolar, como a realização de projetos voluntários na escola, a realização de estágios em outros momentos, também foi fundamental e possibilitou um vínculo entre pesquisadores e a comunidade, isso gerou a interação de maneira mais efetiva podendo assim observar a escola, a cultura ucraniana local e os movimentos da mesma. Por meio destas reflexões foi possível realizar uma apreciação criteriosa acerca do hibridismo cultural ucraniano e a ação da educação nesse processo cultural.

Cultura e Identidade (conceitos distintos)

³ Cultura híbrida: “É a fertilização cruzada das culturas tem sido endêmica a todos os movimentos populacionais [...] e todos esses movimentos na história têm envolvido viagem, contato, transmutação, hibridização de idéias, valores normas comportamentais” (HALL, 2009, p. 71).

Ao longo da trajetória acadêmica foi possível observar a grande dificuldade de entender e interpretar os termos cultura e a identidade, não somente pela comunidade pesquisada, mas também no meio acadêmico, portanto acreditamos ser de suma importância trazer a luz ambos para que ocorra uma boa compreensão do trabalho.

O termo cultura já há certo tempo tem um grande prestígio na sociedade, mas com este termo encontra-se ligado a identidade, embora estejam interligados cada um tem seus próprios significados. Ainda aponta Cuche (2002), existe o “desejo de se ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos. Vêem-se as crises culturais como crises de identidade.”

Não se pode puramente confundir identidade com cultura, pois ambos são fenômenos muito distintos, com circunscrições e particularidades próprias. A identidade é própria de uma manifestação consciente assim ela tem a capacidade de manipular e transformar a cultura de tal forma que a cultura nem pareça com o que era anteriormente, enquanto a cultura pode até haver sem uma consciência de identidade. Sendo assim, Bradley (1996, p. 24) indica que “a identidade social se refere ao modo como nós, enquanto indivíduos nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros”, é um processo consciente, enquanto a manifestação cultural ocorre em grande parte por processos inconscientes.

Outra característica presente na identidade é a mobilidade, como indica Mercer (1990, p. 43): que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. A identidade dos sujeitos pós-modernos é mutável, portanto, a identidade é estabelecida nas interações sociais, assim, dependem da existência do outro. Mouffe (2001) aponta que a identidade esta em constantes reconstruções e movimentos em novas interações, portanto não é fixa, e se manifesta em um entre-lugar, um terceiro espaço, assim encontra-se entre uma cultura e outra.

Para Bhabha, (1998, p.85), a manifestação desse processo entre-lugar, ou também chamada de identidade binária, “funciona em uma espécie de reflexo”. A identidade é um produto inacabado, “ela é apenas e sempre o

processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade.” Esse processo é resulta na chamada identidade híbrida.

Para Hall (2003, p. 43) a “(...) nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural”. O autor afirma que a cultura é uma produção, a qual possui seus recursos, sua matéria-prima e seu “trabalho produtivo”. Cuche (2002, p. 198) aponta que da mesma forma como a cultura “a identidade se constrói, desconstrói e se reconstrói, segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente.” Ainda Bauman (2005, p. 26) contribui dizendo que a identidade surge da crise do “pertencimento e do esforço” que desencadeia no sentido de “transpor a brecha entre o “dever” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia”.

Cuche (2002) e Bauman (2005) apontam que a identidade é dotada de intencionalidades, portanto, podendo assim se utilizar desta intencionalidade e manipular a cultura. Para os autores a identidade é um processo que esta sempre em construção e não é algo acabado. Sobre o que tange a identidade étnica, Krause-Lemke (2010, p. 57) aponta que “a identidade étnica tende a ser construída sobre pilares e referentes bastante específicos e, geralmente, as pessoas, dependendo das etnias, carregam os traços de sua pertença.”.

Feitosa Filho (2013, p. 97), aponta que “a “miscigenação” de culturas é muito mais latente na segunda geração de migrantes”, pois de acordo com o autor “na primeira geração há sempre certa dificuldade ou relutância na aderência de uma nova cultura.” Feitosa Filho (2013), ainda aponta que este processo ocorre “na tentativa de trazer a sua terra- natal- *motherland*- para o local onde se está vivendo. O migrante tenta recriar memórias do passado”, sendo assim busca manter e perpetuar a herança cultural por meio de: “canções, fábulas contadas às crianças e, principalmente a manutenção do idioma natalício nas relações domiciliares”, processo este observado na comunidade estudada, onde existem, aulas de bordados ucranianos, aulas de danças típicas na tentativa de manter a cultura viva. Ainda observamos que a igreja local tende a manter essa cultura por meio de catequeses e celebrações

na língua ucraniana, enfim poderíamos citar inúmeros exemplos observados, processo esse que gera uma identidade social.

Cuche (2002) aponta que a identidade social provoca a inclusão e ao mesmo tempo a exclusão, pois identifica o grupo sob um ponto de vista específico em que se assemelham, distinguem e excluem os que não parecem sob o mesmo ponto de vista que o primeiro. A identidade é constituída em uma relação em que um grupo se opõe aos outros.

É possível afirmar que não há uma identidade em si, nem unicamente para si, mas são relações existentes frente um ao outro. Grupos estes que identificam um sujeito como pertencente de certo grupo ou não, mas também existem os indivíduos que participam de uma cultura e se alto identificam com ela, mas os membros da mesma não o reconhecem, portanto não os identificam como pertencentes desse determinado grupo, sendo assim participar de determinada cultura não significa pertencer a mesma.

Segundo Louro (1997, p. 24) não é possível falar de uma identidade, mas afirma que os sujeitos possuem

identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos – étnicos, sexuais, de classe, de gênero etc. – constitui o sujeito.

Essas múltiplas e distintas identidades que como aponta Cuche (2002) muitas vezes não passam de auto identidades. Louro, (2000, p. 12), ainda indica que, “essas múltiplas e distintas identidades” formam o sujeito, “na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais”

De acordo com Cuche (2002, p. 196) a dificuldade de definir o que significa identidade se da “precisamente em razão de seu caráter multidimensional e dinâmico, assim a identidade não é algo engessado e está em constante movimento”. Bauman (2005) nomeia esse processo de identidade líquida, ou seja, que esta em constante transformação e movimento, portanto ora é uma coisa ora é outra. Bauman, ainda afirma que as identidades sofrem influencias, dos meio eletrônicos, sobre a identidade e torna esta cada

vez mais “liquida”. Enfim, cultura e identidade, são conceitos que levam a compreensão para uma mesma realidade, vista de dois pontos diferentes.

Hibridização culturas

Como já apontado a cima, a identidade e a cultura não são solidas, mas encontram-se em constante transformação. Na comunidade estudada não é diferente. Devido a esse movimento, ocorre um fenômeno conhecido como hibridização das culturas. Para isso, acreditamos ser essencial elucidarmos como ocorre o fenômeno, o qual nos propomos a investigar, como objeto da pesquisa. Assim partimos da acepção sobre hibridização, entendendo que este termo ainda é desconhecido por muitos e pouco utilizado no vocabulário, até mesmo no meio acadêmico. Canclini (2008), diz que o termo é antigo e tornou-se respeitável apenas no século XX. Ele aponta que inicialmente esse termo foi empregado pela biologia, mas quando transferido da biologia para o campo sociocultural, perdeu o seu sentido único e biológico.

Canclini (2008, p. 19), descreve que as [...] “hibridações são processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Canclini ainda diz que as estruturas culturais chamadas “discretas”, são resultados de hibridizações, portanto não podem ser consideradas como fontes puras. Em geral a hibridização se funde por processos migratórios, casamentos mistos, (casamento entre culturas e etnias diferentes), intercâmbio comunicacional (rádio, internet, celular e televisão), intercâmbio econômico e no caso de Prudentópolis até mesmo pelo turismo, enfim com a pós-modernidade, esses processos estão presentes em todos os locais.

Canclini (2008. p.19), fala que as hibridizações alteram o mundo, afirmando que hoje “todas as culturas são de fronteira”, “todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes”, diz que os indivíduos e as culturas perderam a relação “exclusiva” com seu território, no entanto ganharam em comunicação, conhecimentos e inter-relação.

Estudando o contexto da escola foi notável a existência do movimento cultural, sendo assim é possível afirmar que a cada vez é mais difícil fugir

desse movimento, devido a globalização. Hall (2003, p. 74) pondera que o hibridismo é uma prática de tradução cultural, já que “Hibridismo não é uma referência à composição racial mista de uma população. É realmente outro termo para a lógica cultural da tradução”, Hall, (2003, p.89) afirma que, “as culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade, distintivamente novos, produzidos na era da modernidade tardia”, sendo assim, torna-se impossível escapar do processo de hibridização. Bhabha (2002) aponta que hibridização é um conhecimento que é construído sobre as modificações complexas que ocorrem no mundo contemporâneo.

Quanto ao processo de hibridização no Brasil, Haesbaert (2011), diz que o hibridismo na contextualização brasileiro-latino-americana foi produzido no início do século XX, período pós-colonial brasileiro, qual, surge com o desejo de encontrar uma identidade nacional e Hall (2009, p. 71) observa que “o termo tem sido utilizado para caracterizar as culturas cada vez mais mistas e diaspóricas”. Nesse sentido, o movimento que buscamos fazer é constituído pela hibridização das culturas e línguas em contato, negando aqui, a ideia de conflito entre as línguas. A colocação realizada evoca para o contato das línguas/dialetos as quais convivem de forma natural em comunidade de etnia eslava e, no movimento diário vai formando o cenário que envolve cultura, língua e dileto na perspectiva de alcançar a identidade da escola e da comunidade pesquisada.

Trajetória da pesquisa

Tendo como objetivo compreender a hibridização das culturas e das línguas em situação de imigração eslava e, qual é a postura da comunidade escolar no processo de revitalização e conservação da identidade de etnias eslava, procuramos desmistificar e mapear o contexto. Para o devido estudo realizamos estudos de campo, com o objetivo de levantar informações que nos levem a uma possível interpretação do fenômeno descrito. A coleta de dados ocorreu em uma escola do campo no município de Prudentópolis-Pr. Os participantes da pesquisa foram alunos e professores da mesma escola. A coleta dos dados foi realizada durante o mês de maio de 2015.

Direcionamos a pesquisa de modo a obtermos respostas para desvelar o que propomos a averiguar. Indagamos, como são efetivadas as relações híbridas, relacionadas à língua, cultura, identidade e o papel da escola na conservação no que é inerente ao grupo, no que se remete ao hibridismo das línguas/dialetos e culturas em contato? Diante da indagação, e, com as informações dos partícipes, vislumbramos o cenário que assim foi configurado.

Quando questionados sobre a descendência dos mesmos, obtivemos por meio das respostas a seguinte configuração: todos os envolvidos na pesquisa responderam que tem descendência eslava, sendo 8 descendentes de ucranianos; 2 de ucranianos e poloneses e 2 de poloneses. É importante ressaltar que esta é apenas uma pequena amostra e não é possível alegar que todos os habitantes da comunidade escolar sejam descendentes de eslavos.

O estudo nos remeteu a reflexões e questões em torno do cotidiano escolar, no que se refere à cultura e língua/dialeto e, sobretudo, como agir diante a falta de investimentos, materiais e imateriais, os quais garantem o direito de uma escola bilíngue aos membros da comunidade em questão.

A contribuição da comunidade escolar para a compreensão do objeto estudado

Por meio da análise dos questionário foi possível observar que os docentes apresentam opiniões divergentes sobre o tema, mas de alguma forma todos acreditam que seria formidável poder atender na escola de forma especial as crianças que falam o dialeto ucraniano para que soubessem mais uma língua e passassem a valorizar a língua de seus antecedentes, pois acreditam que o dialeto possibilita a manutenção da cultura ucraniana local.

Ao inquirirmos se na escola, os alunos tivessem a oportunidade de falar, ler e escrever na língua ucraniana, se a mesma fizesse parte do programa de ensino, os alunos colocam que seria excelente e fundamental para manter a língua ucraniana que aprendem em casa, já os professores assim se posicionam: “É um trabalho difícil, mas com certeza colaboraria muito na continuidade de sua história, e compreender que não é somente uma língua que forma o Brasil e ajudaria valorizar a etnia de cada um”.

Outro docente relata: “Acho que se a escola cumprisse esse papel e possui-se condições para isso, seria diferente, e os alunos não teriam vergonha de falar ucraniano como seus pais e avós.” Observamos nos relatos de alguns docentes certa reserva no que realmente pensam, embora afirmem que este processo é complexo, mas imprescindível, para revitalizar os valores culturais e a identidade local. Um docente conclui dizendo: “A escola possui papel fundamental na manutenção, mas não depende somente dos educadores”.

Diante do exposto pelo docente, apresenta-se que não cabe somente ao professor tomar essa decisão, pois também fazem parte do processo, precisam e dependem de formação para isso. A formação apontada pelo docente deve ser assegurada pelo poder público, esta é garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para docentes que atuam em contexto de diversidade étnica (linguística e cultural). Diante do exposto, cremos ser essencial revisitarmos a legislação vigente ao que ampara o ensino para povos em condição de bilinguismo e intercultural, Neves (2008) diz que:

a expressão alfabetização intercultural deriva do termo educação intercultural bilíngue, utilizado pela UNESCO para designar uma importante característica da educação escolar indígena, pois pressupõe o esforço do diálogo entre diferentes culturas e saberes, nesse caso a sociedade indígena e a não indígena.

A educação bilíngue esta fundamentada e regulamentada na Lei da LDB, Nº 9394/96 no artigo 78 o qual afirma que:

O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas com os seguintes objetivos: I – proporcionar aos índios, suas comunidades e povos a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; II – garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias. (Artigo 78, LDB / 9394/ 96).

A Lei da LDB 9394/96, no artigo 78, institui critérios para a educação escolar intercultural e bilíngue de grupos minoritários e que no caso dessa

comunidade escolar, seria a cultura ucraniana. Mas Simionato (2012) afirma que a discussão sobre concepção de alfabetização intercultural é coeva. Desta forma Maher (2007) aponta que em outro momento era mais fácil, e isso sempre caracterizou o ambiente educacional brasileiro, devido às leis vigentes bem como, pesquisas sobre o tema, levaram os educadores a acrescentar diversidade no currículo. Maher (2007, p. 67), acrescenta que não é possível entender as escolas brasileiras sem levar em consideração as diferenças no seu interior. E aponta que “no seu interior existem, inclusive, sujeitos bilíngues, alunos cuja língua materna não é o português”: pois existem alunos de várias origens e etnias, portanto é necessário considerar e valorizar as diferenças.

Assim, é necessário repensar o respeito à diversidade das escolas e não podendo ficar para segundo plano. É necessário buscarmos aportes a respeito deste tema. Desta forma Maher (2007, p.68) conclui que:

A análise dos processos de educação formal de falantes de línguas minoritárias no país exige, de antemão, atenção para um dado: enquanto que para a maioria dos alunos das escolas brasileiras o bilinguismo é facultativo, para os alunos indígenas, surdos e de comunidades de imigrantes, o bilinguismo é compulsório. A esses alunos não é dada opção: ele é obrigado a aprender a língua majoritária do país e a se tornar bilíngue.

Por meio de algumas reflexões é possível observar que não existe respeito para com esses indivíduos que a língua mãe não é a língua portuguesa. O indivíduo que traz consigo uma primeira língua que não o português é visto com menos prestígio na sociedade e muitas vezes visto como problema a ser resolvido nas escolas. Menospreza-se esse indivíduo, mas é supervalorizado o aluno bilíngue, que domina a língua Portuguesa e Inglesa. Neste contexto surge a pergunta: por que não valorizar o aluno bilíngue com mesmo rigor independentemente das línguas que fala? Maher (2007, p. 70-71) fala que a escola adota um:

modelo assimilacionista de transcrição. Nele, a língua de instrução, nas séries iniciais, é a língua materna do aluno. Assim que a criança é nela alfabetizada, assim que ela entende o funcionamento da escrita, vai-se, paulatinamente, introduzindo o português até que a língua minoritária no currículo vai portanto, servir apenas de elemento

facilitador, [...] esse modelo propõem um bilinguismo subtrativo. Seu objetivo final é retirar a língua materna do repertório do falante: - o aluno começa sua escolarização monolíngue na língua minoritária, passa para um bilinguismo transitório e termina monolíngue na segunda língua, na língua portuguesa.

Este modelo de ensino é facilmente notado no contexto pesquisado, do qual fazemos parte como descendente de ucranianos, fruto deste modelo de educação. Nesse sentido, a escola adota um papel de ensinar alunos da comunidade a falar, ler e escrever a língua portuguesa, e não mantem a língua mãe, o que faz com que o aluno ao invés de sair bilíngue, falando o ucraniano e português, sai falando a língua portuguesa, e deixa esquecida sua materna.

Considerações finais

Este estudo nos possibilitou observar que a comunidade escolar em questão, em alguns depoimentos acaba por se dividir ante a possibilidade da inclusão da língua ucraniana na escola na promoção de uma educação bilíngue, português/ucraniano. Por outro lado, são conscientes que a implantação de uma educação bilíngue depende principalmente de políticas educacionais comprometidas com esta realidade. Mas se sabe que, esse processo não é fácil e tão pouco simples, pois, demanda recursos de instâncias superiores e qualificação profissional na área.

Contudo enquanto os direitos e os desejos não são concretizados, a comunidade mantem a língua e a cultura, por meio de vivências em outros espaços, lutam pela manutenção da identidade e da cultura. Apesar dos esforços das famílias locais na manutenção da língua dialeto ucraniano, a mesma está evanescendo, tanto por um processo natural, quanto pela falta de investimentos materiais e imateriais bem como, de políticas pedagógicas. Neste contexto, a comunidade caminha para a diáspora da língua, identidade e cultura em ritmo cada vez mais acelerado.

Concluimos com a afirmação que a cultura e língua ucraniana local vêm sofrendo hibridizações. Vários participantes do estudo identificam alterações na cultura, principalmente foi notada pelos professores, acreditamos que eles não se dão conta de que este processo é de hibridismo cultural e linguístico, já ocorre a muito tempo e como aponta Krause-Lemke (2010), a

língua ucraniana local é uma mescla de varias línguas, portanto como Canclini afirma, ela não é mais uma fonte pura, mas híbrida, e que não é possível se esquivarmos desse processo cultural principalmente no período pós-moderno.

Referências:

BAUMAN, Z. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. RJ: Jorge Zahar Ed, 2005.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Tradução Eliana L.L. Reis, Gláucia R.Gonçalves e Myriam Ávila. Belo Horizonte; Editora da UFMG, 1998.

BRADLEY, H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996. Brasília: 1996.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002, 2 ed.

FEITOSA FILHO, Luciano. Lage. **Representações da identidade em 'A filha única do filho mais velho' e 'Só bondade'**. Revista Alumni , v. 1, p. 95-102, 2013. Disponível em: www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/alu/article/download/.../878, Acesso em: 21 de jun 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HAESBAERT, R. **Viviendo en el límite: los dilemas del hibridismo y de la multi/transterritorialidad**. In: Zusmán, P. et al. (org.) Geografias Culturales: aproximaciones, intersecciones y desafíos. Fac. De Filosofía y Letras da UBA. Buenos Aires, 2011.

MAHER, T. M. **Do casulo ao movimento: A suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural**. IN: CAVALCANTI, M. C. et.al. (orgs.) Transculturalidade, linguagem e educação. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

MERCER, K. **Welcome to the jungle**. In Rutherford, J. (org). Identity. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

MOUFFE, C. **Identidade democrática e política pluralista**. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). Pluralismo cultural, identidade e globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NEVES, J. G. **Alfabetização intercultural: oralidade, escrita e bilinguismo em sociedades indígenas**. Manaus: Revista Espaço Acadêmico, nº 85, junho de 2008.

SIMIONATO, Marta Maria. **O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil**. 2012. 280 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/>>: acesso em 10 jun. 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 7 ed.

HALL, S. **Da diáspora: Identidade e mediação cultural**. Trad: Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

KRAUSE-LEMKE, C. **Políticas e práticas linguísticas: um estudo sobre o ensino de língua espanhola em um contexto multilíngue no Paraná – Brasil**. 2010. 236 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16122010-152622/en.php>: acesso em: 20 jul. 2015.